



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6424 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

TEXTOS DA TRADIÇÃO ORAL EM PRÁTICAS ALFABETIZADORAS

Liane Castro de Araujo - UFBA - Universidade Federal da Bahia

TEXTOS DA TRADIÇÃO ORAL EM PRÁTICAS ALFABETIZADORAS

1 INTRODUÇÃO

A partir de uma concepção de alfabetização que defende a apropriação da escrita alfabética como um processo reflexivo sobre o funcionamento da notação da língua no contexto dos usos sociais de gêneros de textos diversos, e considerando, igualmente, a relação imbricada entre práticas de oralidade e escrita (KLEIMAN, 1995), esse trabalho argumenta sobre o valor dos textos tradicionais da infância na alfabetização de crianças. Os gêneros da tradição oral, especialmente os poético-musicais tais que cantigas, parlendas, quadrinhas, adivinhas, trava-línguas, constituem, conforme defendem Belintane (2013) e Araujo (2019), um repertório privilegiado para a alfabetização, a partir de práticas orais que relacionam, de modo intrínseco, cultura lúdica e linguagem. As crianças têm a tendência de brincar com as sonoridades e pensar sobre as palavras, suas partes, suas semelhanças e diferenças (MORAIS, 2019). Em diálogo e/ou contraste com as potencialidades do repertório, o presente trabalho discute sobre práticas escolares envolvendo esse repertório como cultura lúdica, prática de oralidade e letramento e, especialmente, na alfabetização propriamente dita, a partir de uma pesquisa em andamento na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA).

Visando a conhecer discursos de docentes sobre as práticas envolvendo os textos tradicionais da infância, a pesquisa “Textos da tradição oral na alfabetização”, parte de algumas indagações, considerando as potencialidades desse repertório. Como os gêneros poético-musicais da tradição oral aparecem – se aparecem – nos discursos sobre práticas de professoras da rede municipal de ensino de Salvador, como cultura lúdica e prática de oralidade, e nos processos de letramento e alfabetização das crianças? As situações de alfabetização relatadas consideram as potencialidades poéticas e linguísticas do repertório e sua abordagem em programas de formação ou materiais didáticos da rede municipal? Essas situações são propostas sem perder de vista as práticas brincantes e a natureza oral desses gêneros?

A pesquisa, de caráter qualitativo, tem como objetivo geral conhecer como professoras da Educação Infantil e do anos iniciais têm abordado os gêneros poético-musicais da tradição oral, em contraste com as potencialidades do repertório, visando a colaborar para a ampliação das práticas docentes. Como objetivos específicos, visa-se a investigar os discursos de professoras sobre suas práticas a partir desses gêneros e, numa fase posterior, de intervenção, mobilizar situações didáticas produtivas a partir desse repertório, numa perspectiva de pesquisa colaborativa entre Universidade e escolas (IBIAPINA, 2008; BORTONIRICARDO, 2008). O presente trabalho aborda os dados iniciais do primeiro objetivo da pesquisa.

Essa pesquisa se constituiu na continuidade de outra, intitulada “Jogos e materiais pedagógicos na alfabetização”, que investigou sobre discursos, acervos e práticas de escolas da rede municipal de Salvador sobre brincadeiras, jogos de linguagem e outros recursos didáticos na alfabetização, abrangendo também o repertório da tradição oral. Os resultados dessa pesquisa, no que concerne a esse aspecto, mostraram a necessidade e o interesse de investigar de modo mais aprofundado as práticas referentes a esse repertório, e forneceram elementos para organizar unidades de significados e novas categorias de análise para uma ampliação da pesquisa. Os resultados da fase de levantamento de discursos das docentes constituem, assim, o ponto de partida para a nova pesquisa, gerando dados para um aprofundamento dessa temática específica, com abordagem metodológica semelhante.

O presente trabalho visa a apresentar resultados iniciais referentes a esses discursos sobre práticas envolvendo esses gêneros, que constituem em dados exploratórios para a nova investigação, já em andamento. Parte-se da hipótese de que os gêneros estão presentes nas salas de aula, mas não são explorados em todas as suas potencialidades, nessas três categorias: 1) como cultura lúdica e prática de oralidade; 2) no letramento; 3) na alfabetização propriamente dita.

Para fundamentar a problemática da pesquisa, abordaremos sobre as potencialidades do repertório e, em seguida, os resultados parciais, que indicam a confirmação dessa hipótese e apontam caminhos para o aprofundamento da pesquisa.

2 A TRADIÇÃO ORAL NA ALFABETIZAÇÃO

Os gêneros da tradição oral constituem um rico repertório de nossa herança cultural. No caso de gêneros poético-musicais da infância – cantigas, parlendas, quadrinhas, adivinhas, trava-línguas – relacionam cultura lúdica e linguagem, tendo potencial iniciático à linguagem poética e um papel no desenvolvimento da linguagem oral. Calvet (2011, p. 33) afirma que esses gêneros, “que se ignoram”, constituem em “métodos ativos” que “nos ensinam sobre algumas engrenagens da oralidade” – e da linguagem em geral.

Há autores que ressaltam o valor desses textos também na apropriação da linguagem escrita. Belintane (2013) discute o seu valor afetivo e linguageiro e defende que a oralidade poética respalde a entrada na escrita, argumentando que os textos ritualísticos, de função poética, são altamente privilegiados para as crianças aprenderem sobre as engrenagens da língua. Concordando com o autor, Araujo (2011, 2019) sublinha as potencialidades do repertório em relação ao ensino da faceta linguística da escrita (SOARES, 2016), à reflexão fonológica sobre diversas unidades da língua, a consciência grafonêmica e o reconhecimento de palavras a partir de pesquisa inteligente sobre a escrita. Ressaltando tanto a natureza lúdica do próprio repertório quanto da linguagem em sua forma de oralidade poética, a autora propõe a

alfabetização na continuidade das práticas brincantes, orais. Os jogos linguísticos inerentes a esses gêneros têm o potencial de articular a matéria da poesia à matéria da própria alfabetização. Quando escritos, favorecem a reflexão sobre a notação da língua, abrangendo aspectos textuais, lexicais e sublexicais (ARAÚJO, 2019).

Os gêneros da tradição oral também se articulam ao letramento, entendendo oralidade e letramento de forma não dicotômica, mas em suas inter-relações (KLEIMAN, 1995). Eles cumprem diversas funções culturais e brincantes, com usos diversos – jogar, cantar, adivinhar, desafiar a pronúncia, escolher quem vai jogar – tendo como função primordial brincar e brincar com a linguagem. Oliveira (2012, p.213) afirma: “[...] além da função comunicativa, a língua oferece às crianças experiências nas quais brincar com as palavras é a função prioritária”. Ademais, esses gêneros apresentam algumas características comuns e outras específicas, em termos da linguagem poética - características genéricas que os identificam como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003). Seu caráter formular ressalta a natureza composicional oral e/ou de textos para serem oralizados, apresentando variantes no tempo e no espaço, permanência na diversidade - e para ser coerente com a perspectiva do letramento, sua natureza oral, performática e lúdica precisa ser preservada.

Com perspectivas nem sempre coincidentes, a abordagem desses textos na alfabetização é validada por concepções construtivistas e socioconstrutivistas - ora enfatizados como gêneros favoráveis ao letramento e à reflexão sobre a escrita, ora favoráveis à reflexão sonora - e aparece em programas de formação docente, como o Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA) e Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), e em materiais de ensino. Na rede municipal de Salvador, universo da pesquisa, estão presentes no material adotado, o Nossa Rede.

Diante dessas potencialidades e de sua referência nesses materiais e programas, podemos supor que aparecem nas práticas alfabetizadoras. Mas de que modo esses textos são efetivamente referidos e explorados pelas docentes, como cultura lúdica e prática de oralidade e nos processos de letramento e alfabetização? Na próxima seção será apresentada uma breve consolidação dos resultados iniciais a partir da análise das entrevistas com docentes do universo pesquisado até aqui.

3 O QUE DIZEM AS PROFESSORAS SOBRE A TRADIÇÃO ORAL

Seguindo os princípios da hermenêutica em pesquisa qualitativa (LÜDKE e ANDRÉ, 2017), as entrevistas, gravadas e transcritas, foram analisadas a partir de procedimentos descritivos e interpretativos (MINAYO, 2001; SZYMANSKI, 2002). Os dados foram organizados nas três categorias definidas *a priori* e estão sendo reagrupados em unidades de significado definidas *a posteriori*, a partir do que vem emergindo dos próprios dados, para posteriormente, na continuidade da pesquisa, constituir subcategorias com potencial informativo. Os resultados iniciais aqui apresentados advêm de entrevistas semi-estruturadas com 34 professoras, de 11 escolas, sendo oito da Educação Infantil (4 e 5 anos) e 26 do Ensino Fundamental (1 a 3º anos).

Quanto ao repertório como cultura lúdica e prática de oralidade, todas as docentes da Educação Infantil declararam trazer situações brincantes com a tradição oral em suas turmas com frequência. No entanto, em três casos, as situações relatadas revelam encaminhamentos pouco lúdicos, por passarem apressadamente para outros fins. Duas docentes, do 2º e do 3º

anos citaram abordar esses textos prioritariamente no mês do folclore, revelando um entendimento muito restrito de um repertório cultural ligado à cultura lúdica e à herança cultural de nosso povo. Não à toa, foi referido, em cinco ocorrências, como “cantiga da Galinha Pintadinha”, da “Palavra Cantada” ou do “Patati Patatá”.

Das 26 professoras do Ensino Fundamental, apenas oito destacaram, de modo explícito, explorar esse repertório oralmente, valorizando-os como cultura lúdica e/ou associando-os ao desenvolvimento da oralidade. As demais, no geral, os apresentam por escrito. A maioria propõe cantar e recitar já com o apoio no texto escrito ou, se o fazem oralmente, constitui apenas em um introito para as atividades de alfabetização e letramento.

Diante desse cenário, na categoria “cultura lúdica e práticas de oralidade”, 11 do total de 34 professoras, sendo oito dos anos iniciais e três da Educação Infantil, relatam situações que remontam à exploração oral e lúdica dos textos, e 23 relatam situações indicativas de usá-los, prioritariamente, para outras funções - seja para alfabetizar, seja a serviço de outros conteúdos ou outros aspectos. Duas professoras da Educação Infantil relataram recorrer a cantigas, geralmente, em situações de organização da rotina, de modo mais utilitário, reduzindo o valor de textos com função poética e lúdica a textos funcionais.

Esses indícios revelam que há situações excessivamente escolarizadas, perdendo-se a oportunidade de mobilizar, na escola, esse repertório cultural que pouco encontra, atualmente, espaços de sociabilidade para que seja reafirmado como experiência cultural, sensível e brincante (ARAÚJO, 2019).

Em relação ao letramento, na Educação Infantil, esses textos não foram explicitamente referidos como gêneros orais de circulação social, para cumprir funções brincantes, embora as docentes brinquem com eles, ampliando o repertório das crianças. Quando associados a textos, foram referidos como “contexto significativo” para aprender letras e sílabas, distanciando-os de suas funções sociais primordiais - o que revela também uma visão equivocada de contextualização. Nos anos iniciais, todas professoras mencionam abordar esse repertório como gêneros textuais que contribuem para as crianças aprenderem que a linguagem se organiza em vários gêneros e ampliam o letramento. Esse resultado pode revelar que as docentes foram afetadas por programas de formação que enfatizam essa abordagem. Entretanto, geralmente, as situações referidas são de estudo a partir do texto escrito, revelando uma distorção da natureza do gênero e, também, uma possível aderência ao que programas como o PROFA e o Nossa Rede propõem, a partir da perspectiva de Weisz (1985). Oito docentes dos anos iniciais referiram a sua leitura no momento da “leitura deleite” – situação de leitura para fruição especialmente divulgada pelo PNAIC.

Assim, apesar de os enfatizarem como gêneros, o mais frequente é não considerarem sua origem, circulação e composição oral, esvaziando-se o seu valor expressivo e performático (ZUMTHOR, 1997); abordarem o gênero por via do “estudo” de suas características canônicas e não pela fruição que “ensina” sobre seus usos e funções sociais; e focarem o conteúdo dos textos e não o jogo de significantes próprio à função poética. Na categoria “letramento” os dados estão sendo organizados em unidades de significado que envolvem o modo de abordagem do repertório: ampliação do conhecimento sobre os gêneros pela fruição oral e brincante; estudo das características formais; e apagamento do caráter de gênero oral. Apenas três docentes parecem, de fato, compreender o letramento em articulação com as práticas orais. O mais frequente foi referirem a eles como produtos da escrita, como se ler fosse a função principal do uso desses textos na escola.

Na última categoria, a de alfabetização, os dados apontam, igualmente, uma exploração aquém das potencialidades do repertório. Apenas cinco docentes referem de modo mais substantivo à reflexão fonológica em situações orais ou escritas, abordagem indicada no

contexto do PNAIC, mas ainda pouco explorada. Como sublinha Piccoli (2015) embora tenha força didática, os estudos sobre consciência fonológica ainda não foram apropriados de forma suficientemente ampla nas práticas escolares. Mesmo as que referem à dimensão sonora, relatam situações didáticas baseadas na repetição e memorização, e não em uma perspectiva metalinguística, reflexiva. A fruição e a brincadeira a partir do repertório oral não eram, em geral, articuladas às situações de análise linguística.

O que se constatou é que os textos, no geral, ainda que tratados como tal para brincar, quando tomados para contribuir com a apropriação da linguagem escrita, são apresentados como produto da escrita e como pretexto para aprender letras e sílabas, embora elas o considerem como uma contextualização. Os aspectos privilegiados nos relatos, nos dois segmentos, é a identificação de sílabas, letras e o “som” das letras, em encaminhamentos mecânicos desarticulados do texto em si. As poucas referências às situações de leitura e escrita de textos memorizados - apenas seis ao todo -, tal qual proposto na didática construtivista (PROFA, Nossa Rede), revelam que tampouco essa perspectiva parece consolidada nas práticas.

Esses dados indicam que as docentes exploram pouco o potencial do repertório nas práticas alfabetizadoras, seja quando afinadas a propostas construtivistas, seja em termos da consciência fonológica. Lança-se mão dos textos como substitutos da cartilha, conforme ressalta Gontijo (2014), revelando que ainda é preciso mobilizar conhecimentos sobre uma abordagem mais reflexiva e menos “tradicional”, no que concerne à abordagem fonológica e ao ensino do funcionamento do sistema, em contextos letrados.

Na categoria “alfabetização” - principal interesse da investigação - dois critérios de análise foram definidos, espécie de subcategorias que agrupam diversas unidades de análise: a exploração das potencialidades do repertório para alfabetizar e a abordagem dos gêneros oralmente e/ou por escrito nas atividades de alfabetização. Os dados ainda estão sendo agrupados nas unidades de significado que compõem essas subcategorias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Defendemos as potencialidades do repertório lúdico tradicional da infância para promover a articulação entre práticas brincantes e a apropriação da linguagem escrita, sem perder de vista sua natureza de gênero oral da cultura lúdica. Considerando o objetivo da pesquisa em conhecer como professoras da Educação Infantil e do anos iniciais da rede municipal de Salvador têm abordado os gêneros poético-musicais da tradição oral, em contraste com as potencialidades do repertório, essa fase inicial já revela algumas pistas dessas abordagens e linhas de investigação para a continuidade da pesquisa. Há uma tendência, até aqui, de confirmar a hipótese de que esses gêneros estão presentes nas salas de aula, mas não são explorados em todas as suas potencialidades, nas três categorias definidas: como cultura lúdica e prática de oralidade, no letramento e na alfabetização propriamente dita.

Na continuidade da pesquisa teremos mais elementos para compreender esses modos de abordarem o repertório, o baixo aproveitamento de suas potencialidades na alfabetização e letramento, e as relações de aproximação e distanciamento das práticas docentes com o que aparece nos programas de alfabetização que circulam na rede de ensino.

Palavras-chave: gêneros da tradição oral; cultura lúdica, letramento; alfabetização.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Liane Castro de. Textos da tradição oral: reflexão fonológica e cultura lúdica infantil. In: GONÇALVES, Suzane V.; NOGUEIRA, Gabriela M.; MICHEL, Caroline B. (Orgs.). **Práticas educativas no contexto do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: desafios e possibilidades. Curitiba: Appris, 2019, p. 99-120.

_____. **Quem os desmafagafizar bom desmafagafizador será**: textos da tradição oral na alfabetização. Salvador: EDUFBA, 2011. Disponível em: <https://www.slideshare.net/Licaraujo/textos-da-tradio-oral-na-alfabetizao>. Acesso: 24/03/2020.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BELINTANE, Claudemir. **Oralidade e alfabetização**: uma nova abordagem da alfabetização e do letramento. São Paulo: Cortez, 2013.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O Professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

CALVET, Louis-Jean. **Tradição oral & tradição escrita**. São Paulo: Parábola, 2011.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. **Alfabetização**: políticas mundiais e movimentos nacionais. Campinas/SP: Autores Associados, 2014.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa Colaborativa**: investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Liber Livros, 2008.

KLEIMAN, Ângela. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAIS, Artur Gomes de. **Consciência fonológica na Educação Infantil e no ciclo de alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **O trabalho do professor na educação infantil**. São Paulo: Editora Biruta, 2012.

PICCOLI, Luciana. Como formar um professor alfabetizador no curso de Pedagogia? **Revista Brasileira de Alfabetização – ABAlf**. Vitória/ES. v. 1, n. 1, p. 132-154. jan./jun. 2015. Disponível em: <http://abalf.org.br/revistaeletronica/index.php/rabalf/article/view/42/33>. Acesso: 10/06/20.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

SZYMANSKI, Heloisa (Org.). **A entrevista na pesquisa em educação**: a prática reflexiva.

Brasília: Plano, 2002.

WEISZ, Telma. Repensando a prática de alfabetização: as ideias de Emilia Ferreiro na sala de aula. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 52, p. 115-119, fevereiro/1985.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.